



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Horácio Nunes
Dolores



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Dolores

Horácio Nunes

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1898.

Livro Digital nº 613 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Horácio Nunes Pires

(1855 – 1919)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

DOLORES

DRAMA EM DOIS ATOS



PERSONAGENS:

DOLORES (19 anos)
BARÃO DAS LARANJEIRAS (50 anos)
COMENDADOR MOREIRA (39 anos)
DOUTOR CASTRO (45 anos)
AUGUSTO DE AZEVEDO (24 anos)
CARLOS DE SÁ (20 anos)
MANOEL DE MIRANDA (40 anos)
CONVIDADOS
CRIADOS

Este drama foi representado 3 vezes, sempre com sucesso, pela sociedade "Álvaro de Carvalho", no teatro do mesmo nome.

ESCLARECIMENTOS:

1 — O drama Dolores, antes de ser incluído no volume *Bastidores*, foi publicado no *Jornal do Comércio*, de Desterro, em 26 partes sucessivas, do dia 3 de janeiro até 21 de março de 1889.

2 — Esse jornal, no dia em que iniciou a publicação, esclarecia: “O pequeno e modesto trabalho que segue já foi três vezes julgado pelo público — a primeira vez, em 25 de maio de 1884; a segunda, em 30 de agosto do mesmo ano; e a terceira, em 2 de dezembro de 1885.”

3 — O *Jornal do Comércio* de 24 maio de 1884 anotava que a Sociedade Fraternal Beneficente preparava representação de “nova composição dramática do seu consórcio, Sr. Horácio Nunes Pires, ornada de música pelo professor, Sr. Roberto Grant”.

4 — O mesmo jornal anunciava, em 25 de maio de 1884, que “a simpática sociedade dramática Amadores da Arte representa hoje em seu teatrinho, à Rua do Príncipe, o drama Dolores, do Sr. Horácio Pires, e a comédia *Comi o meu amigo*.”

5 — No dia 26 de maio de 1884 especificava ainda o mesmo jornal que a peça representada no teatro São Luís fora “escrita expressamente para a referida Sociedade” e adaptada “às forças de uma associação simplesmente de amadores”. Acrescentando que “numeroso foi o concurso de pessoas à récita”.

6 — Já no dia 2 de dezembro de 1885 esse jornal comenta que, em benefício do Imperial Hospital de Caridade, foi representado o drama no teatro Santa Izabel, por um grupo de amadores, uma vez que estava extinta a Sociedade Amadores da Arte, para quem fora escrito.

ATO I

Salão luxuoso e iluminado. Portas ao fundo, deixando ver outras salas iluminadas. À direita, uma porta e uma janela. À esquerda, portas. Ao subir o pano, ouvem-se os últimos compassos de uma valsa. Vários convidados atravessam as salas do fundo, conduzindo damas.

CENA I

Barão e Moreira.

MOREIRA (*entrando, de braço dado com o Barão*)

Como deve considerar-se feliz hoje, meu caro Barão!

(*Sentam-se no sofá*)

BARÃO

Hoje, como ontem, amanhã, como hoje, meu amigo.

MOREIRA (*acendendo um charuto*)

Sim?

BARÃO

O pai que ama seus filhos, que vê neles outras tantas partículas de sua alma, outros tantos pedaços do seu coração, não pode ficar de gelo, quando eles são felizes. O comendador não compreende estas alegrias íntimas, porque nunca foi casado. Case-se, meu amigo, case-se, se quer experimentá-las.

MOREIRA

Oh! Compreendo perfeitamente. O turbilhão dos prazeres do mundo, essas alegrias, que por aí se nos oferecem a cada instante, não valem um único dos seus sorrisos. As alegrias do lar são as únicas verdadeiras na vida. As mais passam rápidas como o vento, deixando quase sempre após si os desenganos cruéis, as lágrimas da amargura, as tristezas eternas...

BARÃO

E quando se tem uma filha como eu tenho, uma filha dócil, meiga, um verdadeiro anjo, essas alegrias não têm limites: são grandes como o mundo, profundas como mar...

MOREIRA

E bela!... Oh! não há beleza que se lhe compare! Estive na Itália, viajei pela França, percorri a Espanha, e em nenhum desses países — tão decantados pela beleza de suas mulheres — encontrei beleza igual!

BARÃO

E o meu Carlos! Sem ofensa à mocidade presente, Carlos é o mancebo mais generoso, mais nobre e de mais talento que conheço. Dolores é minha alegria; Carlos é o meu orgulho. Para ser perfeita a minha felicidade na terra, só me falta a minha pobre Maria... Era uma santa. Há dez anos que a perdi, e ainda a choro. O que a matou mais depressa não foi a moléstia: foi a dor de separar-se de nós. Oh! se a visse poucos momentos antes de morrer! Como chorava aquela

pobre alma!... Carlos e Dolores soluçavam em completo desespero, beijando as suas mãos já frias... É porque eles, apesar de bem pequenos, compreendiam o que perdiam.

MOREIRA

Para que recordações tristes, Barão!... Para que pensar na morte, quando nos rodeia a vida em toda a sua pujança? Veja: essas salas esplendidamente iluminadas, essas catadupas de flores que derramam os seus perfumes inebriantes, esse movimento, essa animação tumultuosa — chamam-nos à plena vida. A saudade, neste momento, é uma flor exótica, que não pode desabrochar por falta de seiva...

BARÃO

Não se escolhe ocasião para pensar naqueles que nos são caros. Se assim fora, a saudade seria um cálculo e não um sentimento.

MOREIRA

Bem raros são os amores que vão além da campa. Quando encontramos um amor assim, devemos venerá-lo como um objeto sagrado e curvarmo-nos à sua sublime grandeza.

BARÃO

É desse amor que nasce a felicidade do casamento, a tranquilidade da família, o bem-estar da vida. Os casamentos que assentam sobre tal base são os que mais benefícios prometem à sociedade e que mais garantias lhe oferecem. O homem pobre que trabalha — mais do que muitas vezes está nas suas forças — para obter com honra o pão da vida, quando, cansado e abatido, volta ao lar, enxugando o suor que lhe orvalha a fronte — o que vai procurar, sôfrego e palpitante?... Um olhar raso de ternura, um sorriso repleto de amor, o movimento precipitado dos afetos do coração, o ósculo puro e santo da esposa querida e meiga — toda carinhos e solicitude...

MOREIRA

De pleno acordo, Barão.

BARÃO

O casamento não é só a união de duas individualidades: é o enlace de dois corações, é a junção de duas almas, que têm por fim amparar-se mutuamente, enxugar as lágrimas que o sofrimento arranca, compartilhar os sorrisos perfumados da felicidade, ver com os mesmos olhos, sentir com o mesmo ardor, caminhar para o mesmo norte. Quando um coração goteja o pranto doloroso das úlceras que o martirizam, aí está o outro para levar-lhe o bálsamo consolador na palavra convincente — que lhe lembre o céu, que lhe mostre a luz sagrada da esperança, que lhe aponte o caminho da fé. É desta igualdade de sentimentos que nasce a ventura; são os casamentos por amor que consolidam a ordem e a moralidade da sociedade. É nessas alegrias celestes e inseparáveis das grandes almas, é nessas explosões dos corações generosos que consiste a verdadeira ventura, a vida, a animação, a coragem, a resignação, a esperança no céu; é no perfumado e franco sorriso do lar que se bebe a longos haustos a vontade para trabalhar, o desejo de viver, o estímulo para vencer nas lutas tempestuosas da vida...

MOREIRA

Perfeitamente! (*À parte, indo à janela para deitar fora o charuto*)
Soberbo! Isto num drama de Rosier era de um efeito prodigioso.

BARÃO

O casamento por conveniência muda de face. É o pacto da baixeza com o ouro, da vilania com a opulência. Neste não se encontra, como no inspirado pelo amor, a calma serenidade que, perfumando a alma do homem, transforma a mulher em anjo enviado por Deus à terra para nos fazer entrever os gozos divinais do paraíso; não se vê cintilar nos lábios da mulher o sorriso odoroso da alma descuidosa; não aparece nos olhos do homem a luz vibrante que anuncia, em esplendores divinos, a tranquilidade do íntimo. A mulher e o homem que se unem por conveniência enlaçam as mãos por cima de um abismo, sem consciência de que estão prestes a medir-lhe o fundo. Não há felicidade possível: é a desordem, a discussão eterna, o vício, o crime muitas vezes, o ódio sempre, sempre o arrependimento. Mas quando chega o arrependimento, é tarde. Não

há recuar: para condenar o que recua, aí está a sociedade. É caminhar sempre, com a frente erguida e o sorriso nos lábios, para que a sociedade não veja na mulher um demônio ou uma mártir, e não encontre no homem um miserável ou um desgraçado sem nome. Compra-se a ouro uma mulher ou um homem; mas não há ouro que possa comprar o amor. O amor verdadeiro é eterno, desde que a alma é imortal. (*Outro tom*) Mas estou aqui aborrecendo-o com as minhas tristezas e as minhas opiniões sobre o casamento, quando o meu amigo é talvez desejado nos salões...

MOREIRA

Afirmo-lhe que não. Não sou amigo do tumulto. Acho-me aqui à vontade. Prefiro a sua companhia à de todos esses mancebos estouvados que doidejam por essas salas.

BARÃO

Deveras?

CENA II

Os mesmos, Doutor e Miranda.

DOUTOR

Ora, Sr. Miranda, deixe-se disso. O senhor não inventou a pólvora...

MIRANDA

Garanto-lhe, doutor.

DOUTOR

Mas eu não acredito enquanto não o vir pôr em prática o seu invento. Sigo exatamente o sistema de São Tomé: ver para crer.

BARÃO

O Sr. Miranda inventou alguma coisa?

MIRANDA

Um novo passo de valsa, Sr. Barão, um novo passo de valsa.

MOREIRA (*irônico*)

Um novo passo de valsa!

MIRANDA

Oh! é porque os senhores ainda não o viram. É uma coisa estupenda, nunca vista, Sr. Barão. Se não fôssemos eu e o acaso, ficava o mundo sem esse progresso mais. E que progresso, Sr. Barão! que progresso!...

BARÃO

Então foram o senhor e o acaso?

DOUTOR

Eles conhecem-se.

MIRANDA

É verdade. Foi ao levantar-me da cama. Estendi a perna direita para alcançar a chinela, que estava um pouco longe... e zás!

MOREIRA (*irônico*)

Descobriu a pedra filosofal!

MIRANDA (*olhando-o de um modo aborrecido*)

Eu estou falando com o Sr. Barão. (*Ao Barão*) Não descobri coisa nenhuma, mas caí sentado no chão! (*Riem-se todos*)

DOUTOR

Ora!

MIRANDA

Não se riam. Aquela queda foi providencial; para levantar-me, tive de estender a perna esquerda... e zás!

MOREIRA (*olhando-o e sorrindo ironicamente*)

O quê?

MIRANDA (*como acima*)

Eu estou falando com o Sr. Barão. (*Ao Barão*) Escorreguei e ia caindo outra vez; mas pude restabelecer o equilíbrio e... zás!

MOREIRA (*irônico*)

Mais alguma desgraça!

MIRANDA (*como acima*)

Eu estou falando com o Sr. Barão. (*Ao Barão*) Estava descoberto o novo passo de valsa. Os senhores hão de ver logo. Como disse há pouco, é uma coisa maravilhosa, nunca vista, monumental! Custou-me uma queda e um escorregão, mas dou-me por satisfeito.

DOUTOR

Por que não tira privilégio, Sr. Miranda?...

MIRANDA

Hei de tratar disso. Quero primeiramente aperfeiçoar o meu invento, preencher algumas lacunas e fazer certas mudanças indispensáveis... (*Outro tom*) É verdade, Sr. Barão: a quantas andamos a respeito de política? A sua candidatura vinga de uma maneira esplêndida... tão esplêndida como a minha valsa!

BARÃO

Estou convencido disso, graças aos esforços dos meus amigos, que entenderam dever apresentar-me pelo nono distrito, conquanto eu me esquivasse o mais possível à semelhante honra. Positivamente não nasci para a política.

DOUTOR

Mas vossa excelência não tinha o direito de esquivar-se. Os homens de talento pertencem à pátria e não a si próprios.

BARÃO

Doutor...

DOUTOR

Se os partidos mandassem para as câmaras somente homens como vossa excelência, o nosso pobre país não andaria tão enfermo...

MIRANDA

É o que eu digo. Assim como eu, casualmente, inventei um novo passo de valsa, o Sr. Barão pode inventar qualquer coisa útil ao país... por exemplo: a direção dos balões, que tem dado o que fazer a tanta gente boa.

MOREIRA (*irônico*)

Este Sr. Miranda tem ideias gigantescas! Por que não se faz eleger deputado, Sr. Miranda?

MIRANDA (*com mau modo*)

Para quê?

MOREIRA

Quando mais não fizesse, poderia recriar os seus colegas executando, nas horas vagas, o seu novo passo de valsa...

MIRANDA (*dando-lhe as costas*)

O senhor tem muito espírito!... (*Voltando-se*) Pode ceder-me alguns quilômetros dele, se lhe não fazem falta?

MOREIRA

Não tenho tanto como o senhor, pois ainda não inventei coisa alguma.

MIRANDA

Nem mesmo...

MOREIRA

O quê?

MIRANDA

Nada... nada... O senhor é que devia fazer-se deputado para ensinar os seus colegas, nas horas vagas...

MOREIRA

Ensinar o quê?

MIRANDA

Eu cá me entendo... (*Sobe*)

DOUTOR

Já me ia esquecendo, Sr. Barão: a sua presença é necessária na sala do jogo.

BARÃO

Mas eu não jogo.

DOUTOR

Mas anima os jogadores. Vamos.

BARÃO (*a Moreira*)

Não nos acompanha, meu amigo?

MOREIRA

Fico. A companhia do Sr. Miranda é tão divertida, que não me animo a deixá-la.

(*O Barão e o Doutor vão subindo*)

MIRANDA (*descendo*)

Mas o senhor pensa que eu fico?

MOREIRA

Penso.

MIRANDA

Pois está enganado. Ponho-me também a panos. (*Sobe*)

MOREIRA

Venha cá, Sr. Miranda.

MIRANDA (*voltando-se*)

Ora, não seja cacete! Olhe que o senhor sempre é um massista de conta! Aposto que se me conhecesse melhor, não desejava tanto a minha companhia! (*Sai pelo fundo. O Doutor aparece à esquerda*)

CENA III

MOREIRA

Ah! ah! ah! Quanto mais experiência se adquire, mais tolo se fica... É justamente o que se dá com este pobre Barão! (*Senta-se*)

CENA IV

Moreira e o Doutor.

DOUTOR (*descendo*)

Mas o que não se dá com os outros.

MOREIRA

Fala comigo?

DOUTOR

Sem dúvida. O Sr. Comendador é um homem de tino e sabe como se fazem as coisas; mas fique convencido de que nem todos são tolos.

MOREIRA

O que quer dizer?

DOUTOR

Quero dizer que não é só o Sr. Barão que está para ser vítima do seu tino; quero dizer que o dono desta casa tem amigos, e amigos verdadeiros, que velam pela sua honra e felicidade.

MOREIRA

Creio que o movimento das salas e as sensações do jogo transtornaram-lhe as ideias, Doutor. A não ser assim, não posso compreender como é que se anima a vir abusar da minha condescendência, a insultar-me quase.

DOUTOR

Está enganado, senhor. Nunca desci a insultar a quem quer que seja, assim como nunca me aviltei tentando insinuar-me para fins menos dignos no ânimo de ninguém.

MOREIRA

O doutor é um enigmista de força. Não o supunha com mais esse talento.

DOUTOR

O Sr. Comendador não me compreende, porque não lhe convém compreender-me. Pois bem: vou falar-lhe mais claro.

MOREIRA

Então há de dar-me licença. Como pelo exórdio o sermão promete ser longo, quero preparar-me para não adormecer antes da peroração. Permite, doutor?... (*Tirando charutos*) Aceita um charuto? São verdadeiros havanos: perfumados como um buquê e agradáveis como um moralista... quando está calado. Quer?

DOUTOR

O senhor é de um sangue-frio admirável!...

MOREIRA

Que quer? É o meu gênio. Sou um homem de gelo!

DOUTOR

Ouçá-me, senhor. Aproveitemos, peço-lhe, esta ocasião em que estamos sós.

MOREIRA (*recostando-se no sofá*)

Pois não, doutor. Dá licença que me conserve sentado, não?...
(*Acende o charuto*) Pode principiar.

DOUTOR

Em 1863 estava eu na Bahia. Tinha concluído os meus estudos e formara-me naquele ano. Como única riqueza, possuía um diploma de médico, e nada mais...

MOREIRA

Como os tempos mudam, doutor!... Hoje calcula-se a sua fortuna em perto de duzentos contos.

DOUTOR

Honrado fruto do meu trabalho, Sr. comendador. Nem todos poderão dizer o mesmo.

MOREIRA

Talvez.

DOUTOR

Mas continuemos. Estava eu hospedado na casa de um alfaiate meu amigo e pouco mais rico do que eu. Esse homem havia-se casado no ano anterior com uma formosa menina, a quem amava estremecidamente. Paulo de Medeiros, por interesses de seu negócio, teve de fazer uma longa viagem, e partiu, deixando-me encarregado da vigilância de sua casa...

MOREIRA

Bravo! Formou-se em medicina para dirigir alfaiatarias!

DOUTOR

E por que não? Antes ser operário humilde, mas honrado, do que titular sem honra. As honras não dão honra, Sr. Comendador. (*Outro tom*) Dois meses passaram-se, e o alfaiate não apareceu. Sua mulher...

MOREIRA

Era bonita, já mo disse, e isso era suficiente para matar no doutor as saudades do amigo ausente.

DOUTOR

Sabe o Sr. Comendador que é uma infâmia o que acaba de dizer?

MOREIRA (*levantando-se*)

Senhor!... (*Sentando-se, a sorrir*) É de uma amabilidade extraordinária, doutor!...

DOUTOR

Sua mulher, impressionável por natureza, teve uma noite um acesso nervoso, que me obrigou a fazê-la recolher ao seu quarto e a dar-lhe um calmante...

MOREIRA

E o marido ausente! Dou-lhe os meus parabéns, doutor!... Mas isso é história velha. Conte-me outra coisa.

DOUTOR

Ouçã. Subi para o meu quarto, e, como costumava, sentei-me à mesa e comecei a escrever. Passaram-se as horas. À meia-noite, pouco mais ou menos, ouvi uns gemidos sufocados, como de quem está sob a influência de um pesadelo. Levantei-me e descí a escada. Ao chegar ao último degrau, um grito, um grito só, mas terrível e penetrante, fez-me recuar. Era a mulher do meu amigo que pedia socorro...

MOREIRA

Ou que sonhava com o doutor... também era possível.

DOUTOR

De um salto ganhei a distância que me separava do quarto dela, e parei à porta... (*Fitando Moreira*) Vejo-o empalidecer, Sr. Comendador... Sabe o que vi?

MOREIRA

Não, nem tenho curiosidade de sabê-lo. A sua história é horrivelmente maçante, doutor. Se não fosse este amável charuto, creio que já teria adormecido...

DOUTOR

Vi a janela do quarto aberta de par em par; vi a pobre moça estorcendo-se no leito com um ataque horrível; vi um homem saltando para a rua...

MOREIRA

Era uma cena um tanto dramática... Mas foi só isso?

DOUTOR

Ainda não é tudo. Conheci esse homem pelas costas...

MOREIRA

E quem era ele, se a pergunta não é indiscreta.

DOUTOR

Não é preciso que lho diga. O senhor sabe tão bem como eu.

MOREIRA

Eu?

DOUTOR

Quem era esse homem, Sr. Comendador?

MOREIRA

A pergunta é interessante, creia... Como quer que...

DOUTOR

Pois bem: esse homem... era o senhor!

MOREIRA (*erguendo-se*)

Eu?

DOUTOR

Sim: o senhor, que acabava de praticar uma infâmia, de lançar a desgraça ao seio de uma família, de desonrar um homem de bem. Era o senhor!

MOREIRA (*sentando-se*)

É da sua vontade que fosse eu? Fui.

DOUTOR

Acudi a infeliz, e consegui fazê-la tornar a si. Oh! o senhor não calcula as lágrimas, o desespero, as agonias dela!... Tentei acalmá-la, dar-lhe resignação e coragem. Em vão. “Direi tudo a meu marido!” — exclamava ela. Lutei, lutei muito para obter a promessa de que nada diria. Nove meses decorreram e Paulo de Medeiros continuava ausente. O senhor tinha desaparecido. Chegou o termo do prazo fatal. A mulher do alfaiate deu à luz uma criança. Tomei-a nos braços e saí. Enjeitei-a à porta de uma casa. A esposa, virtuosa e santa, — apesar de tudo. — não queria desonrar o lar com a presença desse inocente. Quando voltei à casa, achei Elvira morta. No dia seguinte o alfaiate chegou. Conduzi-o, em silêncio, ao quarto mortuário. Ele não disse uma palavra. Ajoelhou à beira do leito e começou a chorar...

MOREIRA

Muito bem, doutor! O senhor conta admiravelmente uma história!

DOUTOR

Já vê que o conheço de sobra e que sei com quem tenho de lidar.

MOREIRA

Deveras?

DOUTOR

O senhor é um miserável!

MOREIRA (*erguendo-se*)

Doutor!

(Valsa, dentro)

DOUTOR

Como quer que o considere?

MOREIRA

Vou dançar esta valsa... Até logo, doutor... Ah! é verdade: devo preveni-lo que a sua história não me assusta, porque o senhor não tem provas para afirmar o que disse. E o homem que avança uma proposição sem prová-la é um... caluniador!

DOUTOR

Senhor!

MOREIRA

Ah! ah! ah! Até logo, doutor, até logo! *(Sai pelo fundo. O doutor desce, depois de vê-lo sair)*

CENA V

Doutor e Miranda.

DOUTOR

Tenho de lutar com um inimigo perigoso... Mas não importa: hei de vencê-lo!

MIRANDA *(enxugando o suor com um lenço vermelho)*

Não posso mais... perseguem-me de todos os lados... querem por força... *(Sentando-se)* Ah! doutor, estou desesperado, furioso!...

DOUTOR

Por quê?

MIRANDA

São capazes de pôr-me louco por causa do meu passo de valsa... Olhe que suei o topete para desvencilhar-me deles...

DOUTOR

Mas o que foi que houve?

MIRANDA

Calcule. Fui rodeado por todos: moços, moças, velhos e velhas. Ainda se fosse só pelas moças, a coisa seria outra... Mas pelas velhas! Livra! Um puxava-me pelas abas da casaca, outro pela gola, este pelas mangas, aquele... As velhas eram as piores: chegavam a puxar-me pela ponta do nariz e a dar-me beliscões nas barrigas das pernas!... E todos a gritarem como uns doidos: "Dance! dance!" Ainda neste ponto as velhas sobressaíam, porque gritavam mais do que todos, fazendo um berreiro dos meus pecados...

DOUTOR

E o Sr. Miranda o que fez?

MIRANDA

O que fiz?... Isso nem se pergunta. Fugi.

DOUTOR

Sem atender a um pedido feito com tanta instância?

MIRANDA

Sem dúvida, para meter figas às velhas. Além disso, ainda não é tempo. O doutor sabe que nos jantares guardam-se as melhores iguarias para o fim. É o que eu quero fazer. O meu novo passo de valsa há de ser exibido no fim do baile. Quero arrebatá-la essa gente, doutor! São capazes de levar-me em triunfo por essas ruas!...

DOUTOR

Conte com o meu concurso.

MIRANDA

E conto, por certo... Sei que o Doutor é um entusiasta das grandes ideias, e a minha ideia é uma ideia que a bem poucas ideias cede a palma...

DOUTOR

Passando de um polo a outro, Sr. Miranda: quando o senhor esteve na Bahia, conheceu um alfaiate que lá havia, chamado Paulo de Medeiros?

MIRANDA

Perfeitamente, conquanto não entretivesse relações com ele.

DOUTOR

E que opinião formava o senhor a respeito desse homem?

MIRANDA

A melhor possível. Diziam todos que Paulo era um homem honrado a toda prova. A mulher era uma verdadeira teteia, um brinco, doutor.

DOUTOR

Sim... Mas no ano antecedente ao da morte dela, correram certos boatos...

MIRANDA

Já sei onde quer chegar. Dizia-se pela boca pequena que houve quem visse uma noite um homem saltando a janela do quarto dela, quando Paulo de Medeiros, por causa do seu negócio, andava em viagem. Lembro-me de tudo como se fosse hoje.

DOUTOR

E o senhor deu crédito a isso?

MIRANDA

Acreditei, porque vi.

DOUTOR

Viu?

MIRANDA

O doutor talvez não saiba que nos meus bons tempos dei também um cavaquinho pelas aventuras amorosas, e que, em consequência disso, costumava fazer as minhas excursões noturnas. Pois, nessa noite, era já bastante tarde, passando casualmente pela rua onde morava o alfaiate, vi um sujeito saltar a janela e desandar a correr, como se levasse o diabo engalfinhado nas costas.

DOUTOR

Conheceu esse homem?

MIRANDA

Ora, que dúvida! Conheci.

DOUTOR

Quem era?

MIRANDA

Faz muito empenho em saber?

DOUTOR

Empenho... não; simples curiosidade.

MIRANDA

Pois era o comendador Moreira, que, nesse tempo, chamava-se simplesmente Antônio Moreira, e tinha um negociozinho, um armarinho de má morte, lá num beco de cujo nome não me lembro agora.

DOUTOR

Tem certeza disso, Sr. Miranda?

MIRANDA

Plena certeza.

DOUTOR

E se um dia, em qualquer ocasião, for necessário o seu testemunho, está pronto a dá-lo?

MIRANDA

Estou, porque tenho provas.

DOUTOR

Provas?... que provas?...

MIRANDA

Uma bolsa que lhe saltou da algibeira, quando ele atirou-se da janela abaixo. Essa bolsa tem em um dos lados o nome do proprietário escrito com todas as letras. Guardei-a como uma curiosidade.

DOUTOR

Bem, Sr. Miranda. Creio que, não é preciso pedir-lhe segredo, o maior segredo, sobre isso.

MIRANDA

Mas o que pretende o doutor fazer?

DOUTOR

Por ora, nada; mais tarde, talvez muito.

MIRANDA

Basta, doutor. Pode contar comigo.

DOUTOR (*apertando-lhe a mão*)

E conto.

MIRANDA

Agora há de dar-me licença. Vou ver se os amigos já estão mais calmos, para poder andar livremente nos salões. (*Vai sair*)

DOUTOR

Eu o acompanho.

(*Saem. A cena fica vazia um momento*)

CENA VI

Augusto e Dolores.

AUGUSTO (*entrando de braço com Dolores*)

Como? Pois serão tão tristes os seus pensamentos? (*Conduz Dolores ao sofá, e fica de pé*)

DOLORES (*depois de um momento de silêncio, hesitando*)

Não sei...

AUGUSTO

É bem verdade que, de certo tempo a esta parte, tenho notado uma extraordinária mudança na sua vida. (*Senta-se ao lado de Dolores*) A senhora era alegre como os passarinhos na primavera: amanhecia sorrindo e anoitecia cantando. Nunca no céu azul dos seus olhos vi passar uma nuvem de tristeza, nunca de seus lábios ouvi partir uma queixa. As rosas da saúde e da ventura brilhavam no seu angélico rosto com todos os seus encantos, e a senhora dizia ser a mais feliz das mulheres. Depois mudou: começou a empalidecer, a tornar-se triste. Por quê?... O coração não passa por semelhante transformação sem que tenha sofrido um grande abalo... Por que não é franca comigo e não me revela o motivo desse abalo?...

DOLORES

Mas eu não sofri abalo algum... Nem sempre estamos com disposição para cantar e rir...

AUGUSTO

A senhora tenta iludir-me e iludir-se talvez... mas não consegue o seu fim, porque eu bem vejo que sofre. Quando temos um amigo que nos abre o coração — um coração cheio de afetos — para receber as nossas queixas, é ingratidão de nossa parte ficarmos mudos e desprezarmos as consolações que nos oferecem. E bem sabe que eu sou um amigo dedicado e capaz de todos os sacrifícios para vê-la como outrora alegre e feliz.

DOLORES

Bem sei que o senhor tem uma alma generosa... mas...

AUGUSTO

Concede-me permissão para fazer-lhe uma pergunta?

DOLORES

Sem dúvida.

AUGUSTO

Promete dizer a verdade, a verdade inteira?

DOLORES

Mas, Sr. Augusto...

AUGUSTO

Peço-lhe que responda.

DOLORES

Pergunte...

AUGUSTO

A senhora ama...

DOLORES

Eu!

AUGUSTO

Sim. A senhora ama pela primeira vez, e como só se pode amar uma vez na vida: com todo o amor de uma alma virgem, com toda a paixão de um coração de mulher. Mas não acho que isso seja motivo de tristeza. Pelo contrário: quando a mulher principia a amar, enceta uma vida nova; entra num mundo desconhecido, cheio de luz e de flores, de cantos e de perfumes, num mundo onde só imperam as alegrias, onde só se ouvem os hinos da ventura e da descuidosa felicidade...

DOLORES
Quem sabe?

AUGUSTO

Por acaso não é correspondida?... O homem a quem dedica todos os seus sentimentos não será digno de merecê-los?... Quanto à primeira hipótese, seria um coração de gelo aquele que não palpitasse ante as suas virtudes e a sua beleza de anjo... Quanto à segunda hipótese... (*Fitando-a, com pausa*) A menos que uma invencível fatalidade a arrastasse, parece-me impossível que a senhora fosse olhar para um homem que não a merecesse...

DOLORES
Oh? não!

AUGUSTO

Se há reciprocidade de sentimentos e igualdade de virtudes, por que entristece?... Conte-me tudo: não pode calcular a felicidade que me dará, dando-me a sua confiança.

DOLORES
Isso o faria feliz?

AUGUSTO
Oh! muito!

DOLORES (*confusa*)
Pois bem... eu... amo...

AUGUSTO (*ansioso*)
Eu já o sabia. Mas a quem?... A quem?

DOLORES
Mas...

AUGUSTO
Oh! diga!... Peço-lhe que diga...

DOLORES (*muito comovida*)

Ao... senhor...

AUGUSTO (*tomando-lhe as mãos, com ardor*)

A mim!... Oh! repita... repita essa palavra, Dolores!...

DOLORES

O senhor ama-me também?...

AUGUSTO

Oh! se te amo!... Nunca leste nos meus olhos a paixão que me devora, nunca te revelaram o meu amor as horas que eu passava, silencioso e mudo, contemplando-te de longe, seguindo-te como a tua sombra, procurando adivinhar os teus menores pensamentos para realizá-los?...

DOLORES

E por que nunca me disse?

AUGUSTO

Porque tinha medo de ver repellido o meu amor, porque temia que outrem tivesse conquistado o teu afeto... Amas-me!... O que mais posso eu ambicionar?... O teu amor é tudo para mim: a vida, o júbilo, a felicidade, a riqueza, a glória, tudo!

DOLORES

Vê?... Já não estou triste... Sou tão feliz também!... Como o senhor disse há pouco, parece-me que entro num mundo desconhecido, cheio de luz e de flores, de cantos e de perfumes!

AUGUSTO

Amo-te, Dolores! Amo-te!

(*Moreira aparece ao fundo, onde fica*)

CENA VII

Os mesmos e Moreira.

MOREIRA (*ao fundo, à parte*)

Como arrulham aqueles dois pombinhos! Interessantes crianças!...

DOLORES

Já sabe porque eu era triste, porque o sorriso me fugiu dos lábios, porque muitas vezes me viu os olhos rasos de lágrimas... Agora sou feliz. A nuvem da tristeza passou e o sol da ventura brilha com todo o seu esplendor...

AUGUSTO (*beijando-lhe a mão*)

Dolores!

MOREIRA (*descendo*)

Peço-lhe perdão, minha senhora, se venho incomodá-la.

DOLORES (*afastando-se de Augusto*)

Ah!

MOREIRA

Assustei-a?... Não tem razão. Creia que as intenções com que entrei nesta sala são as mais pacíficas do mundo. Sou um homem inteiramente inofensivo... (*Com intenção*) E avesso a penetrar os segredos dos outros...

AUGUSTO

Se é uma ironia, Sr. Comendador, declaro-lhe que não surpreendeu segredo algum. Se entre mim e esta senhora tivesse de haver troca de confidências, não escolheríamos por certo esta sala, que está sendo a cada momento frequentada...

MOREIRA

O meu amigo recebe o recado à porta da escada... Deixe passar a frase chata e vulgar.

AUGUSTO

Vulgar e chata como as intenções com que o Sr. Comendador penetrou aqui.

MOREIRA

Não se exalte, meu amigo. A ira é má conselheira. Não surpreendi segredo algum, não só porque não me dou ao trabalho de fazer coleções de curiosidades, como mesmo porque não tenho por hábito andar à pista dos segredos alheios. Vossas excelências conversavam. É tão natural! Procuraram esta sala para estarem mais à vontade. É naturalíssimo! No meio da sua inocente palestra trocaram algumas palavras mais ardentes... falaram talvez...

AUGUSTO

Em quê?

MOREIRA (*sorrindo, com intenção*)

Em amor.

AUGUSTO

E se assim fosse?

MOREIRA

Era tão natural também, que nada havia nisso que pudesse causar admiração. O que é a mocidade? Um conjunto de ilusões, uma Babel de sonhos, e nada mais. (*Ferindo as palavras*) É necessário que aproveitemos o tempo, porque após a ilusão vem o desengano, após o sonho, a realidade... (*A Dolores*) É verdade, minha senhora: aproveito a ocasião para lembrar que vossa excelência prometeu-me a 5ª quadrilha.

DOLORES

Eu?

MOREIRA

Já se não lembra?... Tem razão. A mocidade pensa em tanta coisa ao mesmo tempo, que, por fim de contas, de nada se recorda.

AUGUSTO

Suponho que vossa senhoria está enganado. A 5ª quadrilha foi-me concedida.

MOREIRA

Depois de ter-me sido concedida. É bem possível.

AUGUSTO

Senhor Comendador!

DOLORES

Senhor Comendador, eu nada lhe concedi, e, por consequência, peço permissão para retirar-me.

MOREIRA

Mas, minha senhora...

DOLORES (*a Augusto*)

O seu braço.

(*Saem*)

CENA VIII

MOREIRA (*acompanha-os com a vista, e depois desce*)

Aqui está uma despedida em regra! (*Rindo*) Oh! mas eu pouca importância ligo a estes arrufos, porque nunca encontrei obstáculos à realização dos meus desejos!... Como César, posso dizer: *Veni, vidi, vinci!* Há de ser minha! Jamais quis, que não conseguisse!... (*Senta-se*)

CENA IX

Moreira e Carlos

CARLOS

Como, senhor comendador!... Pois foge das salas para vir isolar-se aqui? É imperdoável...

MOREIRA

Por um momento só. O excessivo prazer também cansa, e eu vim procurar aqui um instante de repouso.

CARLOS

Julgava-o aborrecido. A nossa festa talvez não seja bastante esplêndida para prender-lhe a atenção. (*Senta-se*)

MOREIRA

É mais do que esplêndida, é uma festa de fadas. Se no paraíso se dessem bailes, estou convicto de que não seriam mais atraentes. É verdade, o que faz o nosso literato? Toma apontamentos para algum novo drama, ou escreve algum romance de sensação?

CARLOS

Estou escrevendo um drama que tem por assunto um fato inteiramente real.

MOREIRA

Sim! E como é o título?

CARLOS

“O fruto do crime.”

MOREIRA

É um título de reclame. Há de fazer furor. E o enredo?

CARLOS

O enredo é simples como tudo quanto é possível. Há uma mulher...

MOREIRA (*sorrindo*)

Não se pode passar sem as mulheres...

CARLOS

Essa mulher é casada...

MOREIRA

O interesse da peça triplica.

CARLOS

O marido, um dia, parte para uma longa viagem. Um miserável sedutor aproveita-se da ocasião, e penetra uma noite na casa dela. Abusa covardemente do sono da infeliz, e foge...

MOREIRA (*à parte*)

O doutor contou-lhe tudo... Experimentemos. (*Alto*) Mas esse marido é um tolo. Quando se tem uma mulher moça e bonita, não se parte para uma longa viagem, deixando-a só... ou mal acompanhada.

CARLOS

O fato é verídico. Deu-se na Bahia, em 1863.

MOREIRA (*à parte*)

Simulemos. (*Alto*) Suponho que o doutor já me falou nisso...

CARLOS

É muito possível, porque foi ele quem mo contou.

MOREIRA

Disse-lhe o nome dessa mulher?

CARLOS

Não.

MOREIRA

E o do sedutor?

CARLOS

Também não.

MOREIRA

Nem a mim. (*À parte*) Estou tranquilo. Continuemos a simular. (*Alto*)
E depois?

CARLOS

Nove meses depois, essa mulher dá à luz uma criança. A desgraçada enjeita-a.

MOREIRA (*como que distraído*)

Ah!

CARLOS

Um momento depois de ter dado o último beijo na desgraçada criancinha, estrangula-se...

MOREIRA (*erguendo-se*)

Estrangula-se! (*À parte, sentando-se*) Eu não sabia...

CARLOS

No dia seguinte o marido chega e encontra morta a esposa. Não podendo resistir à dor, envenena-se...

MOREIRA

Envenena-se!... (*À parte*) E fui eu a causa de tudo!... (*Alto*) E a criança?... A criança?...

CARLOS

O doutor há de dar-me o resto dos apontamentos. Só por eles poderei saber o destino da criança... (*Pausa*) Compreende, Sr. Comendador, como pela perversidade de um só homem, tantas desgraças sucedem?

MOREIRA

Compreendo... sim...

CARLOS

Que castigo, que punição deve-se infligir ao sedutor?...

MOREIRA (*pensativo*)

Não sei... Como posso eu saber?

CARLOS

Matá-lo com uma bala, com uma punhalada?... É pequeno o castigo para tamanha culpa. Hei de matá-lo aos poucos, lentamente, cheio de remorsos, miserável, desprezado, leproso...

MOREIRA

Oh! mas isso...

CARLOS

Acha pouco ainda?... Que punição merece então o homem, que vai, a sangue frio, calmo, com a consciência tranquila, lançar a desonra e a morte no seio de uma família?... Pode-se cometer outro qualquer crime, porque momentos há de desespero tão profundo, tão grande, que o homem perde a razão, mas...

MOREIRA

Basta!... (*Erguendo-se*) O seu drama há de ser soberbo... mas peço-lhe que não me tire o prazer da surpresa... (*À parte*) Que suplício!...

CARLOS

Garanto-lhe que a noite da representação do meu drama será para aqueles que o virem uma noite de sensações, de verdadeiras comoções... (*Música, dentro*)

MOREIRA

Sim... sim... mas... não vai dançar?

CARLOS

Fez bem lembrar-me. Estou comprometido com a filha do conselheiro Mascarenhas, e não quero ficar em falta. Até já. (*Sai*)

CENA X

MOREIRA

Miserável!... desprezado... leproso... — disse ele. Oh! seria um castigo tremendo!... *(Pausa)* E não foi tremenda a culpa?... *(Pausa)* Ora!... O que passou, passou. Ela estrangulou-se?... Ele morreu envenenado?... Que importa, se não fui eu que ministrei a corda nem o veneno?... A minha consciência está perfeitamente tranquila!... *(Outro tom)* Mas este médico quer perder-me. Sabe tudo, e é capaz de pôr em praça o meu passado... Oh! mas eu saberei fazê-lo calar-se!... Hei de reduzi-lo à impotência!... *(Sobe e encontra-se com Augusto)*

CENA XI

Moreira e Augusto.

AUGUSTO

Uma palavra, Sr. Comendador.

MOREIRA

Quantas quiser, meu amigo. Já dançou a quadrilha de que tão delicadamente me esbulhou?

AUGUSTO

Mas...

MOREIRA

Oh! eu não me incomodo por isso. O meu amigo, que teve a preferência, necessariamente possui mais direitos do que eu a...

AUGUSTO

Basta, senhor. Não vim procurá-lo para entreter uma conversação de ironias de mau gosto, mas para exigir uma satisfação pelo que disse há pouco.

MOREIRA

Exigir? A palavra é um pouco dura, meu caro senhor. Por acaso não achou outra mais suave no seu vocabulário? (*Senta-se*)

AUGUSTO

Achei, mas não quis empregá-la. O senhor ameaçou-nos...

MOREIRA (*sorrindo*)

Magnífico plural! Ameaçou-nos!... A quem?... Ao senhor e a D. Dolores, não?... Sabe o meu amigo que se se casassem formariam um lindíssimo par de pombinhos, capaz de causar inveja aos próprios anjos?

AUGUSTO

Peço-lhe que não continue a jogar a arma vilã da ironia, porque eu não responderei pelas consequências...

MOREIRA

Não se altere, meu amigo. Pois responde desse modo a um elogio que lhe teço? É de muito mau gosto.

AUGUSTO

Exijo uma satisfação, Sr. Comendador.

MOREIRA

E se eu não quiser dá-la?

AUGUSTO

Se não quiser dá-la, é um... covarde!

MOREIRA (*erguendo-se*)

Um covarde! (*Sentando-se, calmo*) Relevo o insulto, porque o ciúme desvaira-o.

AUGUSTO

Senhor!

MOREIRA

Ora vamos: acalme-se e conversemos como dois bons amigos.

AUGUSTO

Nega-se a satisfazer a minha exigência?

MOREIRA

Positivamente, meu caro amigo, positivamente.

AUGUSTO

E se eu obrigá-lo?

MOREIRA

Obrigiar-me!... Tinha vontade de ver como arranjaria isso.

AUGUSTO (*erguendo a mão*)

Pois veja!

MOREIRA (*segurando-lha*)

Abaixe as patinhas, meu amigo! Não promova um escândalo sem a menor necessidade. Seria ridículo para tão galante campeão de damas ameaçadas...

AUGUSTO (*calmo*)

Já vejo que é impossível obter-se do senhor qualquer ato de dignidade. Retiro-me, mas havemos de nos encontrar. O senhor é um miserável! Não lhe toquei no rosto, mas vale a intenção: esbofetei-o! (*Sai*)

CENA XII

MOREIRA

Hei de esmagá-lo também... depois de ter esmagado o outro!... Vamos!... Se nos incomodássemos por todas as contrariedades que nos sucedem, a vida seria uma coisa bem estúpida!...

CENA XIII

Moreira e Miranda.

MIRANDA (*pensativo, sem ver Moreira*)

Está chegando a hora do meu triunfo... O meu novo passo de valsa...

MOREIRA

Oh! Sr. Miranda...

MIRANDA

Ah! está aqui?... (*À parte*) Mau! mau!

MOREIRA

O senhor fica maluco com o seu novo passo de valsa!... Se até já fala sozinho?

MIRANDA

Senhor Comendador, peço-lhe que não me incomode. Acho melhor que guarde o seu espírito para...

MOREIRA

Para quê?

MIRANDA

Para quando tiver de entrar por escalada nas casas alheias.

MOREIRA

O que quer dizer?

MIRANDA

Quero dizer... eu vou para o salão executar o meu novo passo de valsa... passe bem. (*Sai*)

MOREIRA

Se o diabo me ajudar, a ocasião é ótima! Vamos! (*Sai pela esquerda*)

CENA XIV

DOUTOR (*do fundo*)

É um perfeito palhaço este homem com o seu novo passo de valsa! Tenho pena dele... (*Palmas e bravos, dentro*) E julga um triunfo o ridículo em que está caindo... Não posso ser testemunha destas cenas: revoltam-me... (*Bravos e palmas, dentro. Indo à janela*) Vamos para o jardim... Lá anda Carlos embebido nos seus devaneios, como um amante ou como um pateta... que é a mesma coisa. (*Sai*)

CENA XV

Moreira e Dolores.

DOLORES

Mas o que quer?

MOREIRA

Quero pedir-lhe perdão. Sinto que a ofendi há pouco. Momentos há na vida, minha senhora, em que seríamos capazes de desrespeitar a Jesus Cristo se Jesus Cristo tomasse o nosso caminho... Eu tive um momento desses...

DOLORES

Mas...

MOREIRA

Quando sentimos o coração cheio da imagem de uma mulher, quando amamos com toda a exuberância da alma, quando esse amor é a nossa vida, o nosso orgulho, a nossa felicidade, e que vemos essa mulher entregar o seu coração a outrem, matando assim a nossa mais doce esperança, o desespero cega-nos e tornamo-nos loucos...

DOLORES

Mas, Sr. Comendador...

MOREIRA

Não se ofenda outra vez. Não fui arrancá-la ao turbilhão da festa, às adorações que a cercavam, para fazer-lhe uma declaração de amor. Oh! não! Isso seria inútil... Trouxe-a para pedir-lhe perdão do mal que lhe fiz... Vossa excelência é um anjo, e os anjos não guardam ódios...

DOLORES

Senhor Comendador, meu pai e minha mãe ensinaram-me sempre a esquecer as ofensas. De nada me lembro.

MOREIRA (*apertando-lhe as mãos*)

Obrigado, minha senhora. Mas isso não basta: dê-me uma prova, um sinal de que tudo esquece.

DOLORES

Que prova posso eu dar-lhe, além da minha palavra?

MOREIRA

Deixe-me beijar a sua mão.

DOLORES

Oh! mas...

MOREIRA

Que mal há nisso?... Não é o ósculo do amor, minha senhora; é o ósculo da gratidão. Permita...

DOLORES (*estendendo a mão*)

Ei-la.

MOREIRA (*beijando-lha*)

Oh! como é boa! Num corpo de anjo, só um coração de santa podia palpitar... Como é boa!...

DOLORES

Agora permita que me retire.

MOREIRA (*conservando entre as suas as mãos de Dolores*)
Oh! um momento mais. Como é formosa, e como eu a amo... amo-
a... (*Atraindo-a a si e passando-lhe o braço em volta da cintura*) Amo-a
como um louco!...

DOLORES (*assustada, querendo esquivar-se*)
Senhor...

MOREIRA
Amo-a... amo-a! (*Curva-se para dar-lhe um beijo*)

CENA XVI

Os mesmos e o Barão.

BARÃO (*aparecendo ao fundo*)
Ah!

DOLORES (*fugindo a Moreira e escondendo o rosto nas mãos!*)
Meu pai!

MOREIRA (*sorrindo*)
Senhor Barão...

(*O doutor aparece à esquerda, onde fica*)

BARÃO
Nunca pensei que o Sr. Comendador abusasse assim de minha
confiança para tentar desonrar-me!

DOLORES
Meu pai!

BARÃO

Cale-se! Era esta a recompensa que reservava aos carinhos com que sempre a tratei... era este o amor que me tinha, que tinha ao nosso nome... não é verdade?...

MOREIRA (*sorrindo, tranquilamente*)

Senhor Barão, se por acaso cometi uma falta, estou pronto a repará-la.

DOLORES (*à parte*)

O que diz ele?

BARÃO

Senhor Comendador, amanhã procurá-lo-ei.

MOREIRA

Estou às suas ordens.

BARÃO (*dando o braço a Dolores*)

Vamos!...

(*Saem*)

CENA XVII

Moreira e o Doutor.

MOREIRA (*acompanhando-os com a vista e depois de vê-los sair*)

Consegui o escândalo: é minha!

DOUTOR (*descendo*)

Ainda não!

MOREIRA

Ah! é o doutor?... Quer por força lutar comigo... pois bem: veremos quem vence.

DOUTOR

Veremos!

MOREIRA

Advirto-o de que não haverá obstáculos, considerações, honra nem dignidade que me façam recuar!

DOUTOR (*cruzando os braços, com calma*)

O senhor é um canalha!...

(*Moreira recua um passo. Cai o pano*)

ATO II

A mesma vista do 1º ato. É dia.

CENA I

BARÃO (*sentado no sofá, em atitude meditativa*)

E eu que a estremecia tanto... que depositava tanta confiança nela... Como são enganadoras as aparências!... Quando pensei eu, vendo-a tão meiga, tão virtuosa, que aquela meiguice e aquela virtude não eram mais do que uma máscara?... Quando pensei eu que debaixo daquelas formas de anjo ocultava-se uma alma cheia de hipocrisia?...

CENA II

Barão e Carlos.

CARLOS (*deixa o chapéu em um aparador e desce*)

Bom dia, meu pai.

BARÃO

Bom dia, Carlos. Vais sair?

CARLOS

Vou.

BARÃO

Fica. Preciso falar-te.

CARLOS

Mas de que modo me diz isso, meu pai! O que tem? Está doente?...

BARÃO

Antes estivesse, meu filho, porque talvez não sofresse tanto... Sofro muito, Carlos!

CARLOS

Como, meu pai?

BARÃO

Senta-te e ouve-me.

CARLOS (*sentando-se*)

Estou às suas ordens, meu pai.

BARÃO

Sabes, — e tens orgulho disso — que o nosso nome é imaculado...

CARLOS

Sei, meu pai, e sei também que no dia em que o nosso nome recebesse uma nódoa, nesse dia a nossa vida tornar-se-ia impossível.

BARÃO

Muito bem, meu filho, muito bem! Dá-me a tua mão... (*Aperta-lhe a mão*) Tu és um homem de bem. Se todos os membros da nossa família pensassem assim, seríamos bastante felizes.

CARLOS

O que quer dizer, meu pai? Não o compreendo.

BARÃO

Ouve. Ontem, cansado do tumulto e do movimento do baile, dirigi-me a esta sala para repousar um momento e ao mesmo tempo para não assistir ao espetáculo pouco atraente que o Sr. Miranda ia dar perante os nossos convidados. Ao chegar à porta, um espetáculo cem vezes mais vergonhoso do que aquele a que eu não queria assistir, ofereceu-se-me à vista. Recuei, como se uma víbora me houvesse mordido, e não pude conter um grito...

CARLOS

Mas que espetáculo foi esse, meu pai?

BARÃO

Ânimo, filho, ânimo. Vi tua irmã — a minha filha, a minha alegria, o meu orgulho — nos braços do comendador Moreira!

CARLOS (*erguendo-se*)

Dolores... Dolores nos braços desse homem!... Perdão, meu pai mas isso... é impossível!

BARÃO

Antes fosse; mas é a verdade...

CARLOS

Meu pai, vou procurar esse homem.

BARÃO

Para quê?

CARLOS

Precisamos uma reparação: vou exigí-la.

BARÃO

Não é necessário. Ele está pronto a reparar a falta, casando com tua irmã.

CARLOS

E meu pai consente?

BARÃO

Essa pergunta! Consinto, certamente.

CARLOS

Se dependesse de mim, eu não consentiria, meu pai.

BARÃO

Por quê?

CARLOS

Para castigá-la da sua fraqueza, da sua leviandade. E não houve mais quem visse?

BARÃO

Felizmente, não.

CARLOS

Felizmente! Oh! meu pai, que escândalo se esta sala fosse invadida pelos nossos convidados nessa ocasião!

BARÃO

O mal podia ter sido maior. Quando ouviram o meu grito, separaram-se: ela, ocultando o rosto nas mãos, ele, baixando os olhos. Tomei o braço de Dolores e retirei-me...

CARLOS

E onde está ela agora?

BARÃO

No seu quarto. Chorou toda noite, porque a ouvi soluçar. Eu também não consegui repousar um momento.

CARLOS

Meu pai...

CRIADO (*anunciando*)

O Sr. Manoel de Miranda! (*Sai*)

CARLOS

É um importuno este homem!

BARÃO

Mas é um homem honrado. Agora, meu filho, pela nossa própria dignidade, não devemos mostrar no rosto o que nos vai pelo coração.

CENA III

Os mesmos e Miranda.

MIRANDA

Peço perdão por vir incomodá-los tão cedo. Mas tendo de passar por aqui, não quis deixar de entrar um instantinho. (*Apertando a mão ao Barão*) Como passou, Sr. Barão? (*O mesmo a Carlos*) E o Sr. Carlos?... Sempre rapaz bonito e mimoso das damas, hein?

BARÃO

Sente-se, Sr. Miranda.

MIRANDA (*sentando-se*)

Pois eu vou indo regularmente... Um pouco fatigado do exercício que fiz ontem, mas forte sempre. Então, Sr. Barão: o que me diz do meu novo passo de valsa?

BARÃO

É magnífico.

MIRANDA

Hein?... Não calcula como esse seu juízo dá-me prazer. Quando um homem como vossa excelência diz: "Isto é bom", é porque é verdadeiramente bom. Obrigado... É verdade: já leu o Jornal de hoje?

BARÃO

Ainda não.

MIRANDA

Traz um artigo do seu competidor no nono distrito. O homem está furioso e dá a entender que perde a eleição por causa das inúmeras tranquiébnias que têm havido. Chega a dizer que vossa excelência comprou votos a dois e três contos de réis.

BARÃO

Oh! mas isso é uma infâmia!

MIRANDA

Ora! Desabafos de candidato derrotado. Pois vossa excelência não sabe o que é a política? O pretendente que perde tem sempre mil razões para desculpar o fiasco... ora é a cabala desenfreada, ora é a intervenção do governo, ora... Do que nunca se lembra é de confessar que perde porque não pode com o adversário. Eu, no seu lugar, não dava resposta.

BARÃO

Não responderei, mesmo porque não tomei a menor parte nessa eleição. Se for eleito, deverei à boa vontade dos meus amigos, e não à minha influência, porque não a tenho.

MIRANDA

Vamos lá, Sr. Barão... nada de modéstia... (*A Carlos*) A propósito: dou-lhe os meus parabéns.

CARLOS

Por quê?

MIRANDA

O Jornal ocupa-se também da sua pessoa.

CARLOS

De mim?

MIRANDA

E em termos tão encomiásticos que...

CARLOS

E a que propósito?

MIRANDA

A propósito de um novo drama que o meu amigo está escrevendo. A julgar pelo talento do autor, deve ser uma obra-prima.

CARLOS

Obrigado.

MIRANDA

Não tome isto como incenso. Eu cá nunca tive queda para sacristão. Mas vejam os meus amigos como são as coisas deste mundo! O senhor principia a escrever um drama, e já os jornais começam a espalhar a fama da nova obra; eu invento um novo passo de valsa, e não há uma folha que diga uma palavra a respeito. Pois olhem: escrever um drama não é mais difícil do que inventar um novo passo de valsa! (*Erguendo-se*) E com esta, vou-me... (*Apertando a mão ao Barão*) Sr. Barão...

BARÃO

Até a vista, Sr. Miranda.

MIRANDA (*apertando a mão ao Carlos*)

Senhor Carlos... Sem cerimônia... sem cerimônia... (*Sai*)

CENA IV

Barão e Carlos.

CARLOS (*que acompanhou Miranda, descendo*)

Afinal de contas, o que veio este homem fazer cá? *(Indo ao pai)* Não se aflija, meu pai, peço-lhe que não se aflija. Juro que o comendador há de reparar a falta que cometeu.

BARÃO

O que mais me entristeceu não é isso, é lembrar-me que estivemos à beira do abismo da desonra. O que teria sucedido, se eu não aparecesse naquele momento?

CARLOS

Uma desgraça, talvez.

BARÃO

A nossa desonra, estou certo. Quando penso nisso, tenho medo de enlouquecer!

CARLOS

Coragem, meu pai, coragem. Vá descansar um pouco, peço-lhe.

BARÃO

Não. Preciso sair. Tenho de ir procurar esse homem. Emprazei-o para hoje, e não devo faltar.

CARLOS

Por que não me deixa ir em seu lugar?

BARÃO

Não é possível. Até logo. *(Sobe)*

CARLOS

Até logo, meu pai. Quer que o acompanhe?

BARÃO

Para quê? *(Sai)*

CENA V

CARLOS

O que pretenderia aquele homem, afastando Dolores dos salões?... Premeditava talvez uma infâmia... E eu que o julgava um cavalheiro, um homem de honra...

CRIADO (*anunciando*) O Sr. Augusto de Azevedo! (*Sai*)

CARLOS (*subindo*)

Augusto!

CENA VI

Carlos e Augusto.

AUGUSTO

Bom dia, Carlos.

CARLOS

Bom dia, Augusto. Mas que ar é esse, meu amigo? Parece que a felicidade te rebenta por todos os poros!

AUGUSTO

E tens razão. Considero-me hoje o homem mais feliz do mundo... Não trocaria um átomo da minha ventura nem pela coroa de um rei!

CARLOS

Tiraste a sorte grande?

AUGUSTO

Se fora isso, não sei onde estaria o motivo para o prazer que sinto. O que é o ouro? Metal mesquinho e vil, que a tantas misérias arrasta, que tantas desgraças espalha, que tantas infâmias faz cometer!

CARLOS

Nem sempre. O ouro, em certas mãos, é um caudal de sorrisos; é o manto da misericórdia que cobre os nus, é o olhar de Deus que enxuga todas as lágrimas...

AUGUSTO

Mas nem todos chamam-se Barão das Laranjeiras ou Carlos de Sá; nem todos pensam e otram como esses dois protótipos da honra e da caridade...

CARLOS

Não fales em nós, peço-te.

AUGUSTO

Não falarei, porque não quero que suponhas que te embriago com o fumo da lisonja, para depois, com mais segurança de bom acolhimento, expor-te o motivo que me traz aqui...

CARLOS

Eu te conheço, Augusto; és um homem de bem. Se o não foras, eu não te daria o nome de amigo.

AUGUSTO

Obrigado, Carlos. Essas palavras animam-me.

CARLOS

Mas, vamos a saber: o que é que tens a comunicar-me?

AUGUSTO

Não vais sair?

CARLOS

Não. Estou inteiramente ao teu dispor. Sentemo-nos. (*Sentam-se*)

AUGUSTO

Então, ouve-me.

CARLOS

Pelo tom em que me falas, fazes-me supor que se trata de negócio muito sério.

AUGUSTO

Sério e muito sério. Trata-se do meu sossego, da minha tranquilidade.

CARLOS

Bem, meu amigo: fala.

AUGUSTO

Carlos, eu amo...

CARLOS

Fazes bem, e feliz considero a mulher a quem consagras o teu amor.

AUGUSTO

A mulher a quem amo é o símbolo da modéstia, da meiguice e da beleza. Amo-a com toda a minha alma, e o meu amor é retribuído... Mas há um abismo que nos separa...

CARLOS

Como, se o amor é recíproco?

AUGUSTO

Ela é rica, imensamente rica, ao passo que eu vivo dos parques rendimentos de um emprego público. Se eu me unisse a essa moça, não faltaria quem dissesse que me casei com o seu ouro, que fiz do casamento uma miserável especulação...

CARLOS

Não. Aqui estaria eu para desmentir a quem se atrevesse a avançar semelhante proposição.

AUGUSTO

E todos dar-te-iam crédito?

CARLOS

E por que não, se eu a todos convenceria com a lógica da verdade e da razão? Nada temas. Realiza o teu sonho cor-de-rosa, e sê feliz, porque bem o mereces... Mas ainda não disseste o nome da beleza que assim te cativou...

AUGUSTO (*erguendo-se*)

É... tua irmã.

CARLOS (*erguendo-se admirado*)

Minha irmã!

AUGUSTO

Aí está o que eu temia...

CARLOS

O quê?

AUGUSTO

Recebes mal minha confissão... Bem sei que...

CARLOS (*constrangido*)

Não... não é isso...

AUGUSTO

O que é então?...

CARLOS

Mas... amas verdadeiramente?

AUGUSTO

Espero que não duvides. Creio que não me julgas capaz de representar um papel menos digno...

CARLOS

Oh! não! Perdoa-me... Eu nem sei o que disse. (*À parte*) Tenho pena dele... (*Alto*) Mas, diz-me... se por acaso... sim... se por qualquer

circunstância... minha irmã não puder coroar os teus desejos... não puder realizar o teu sonho?...

AUGUSTO

O que quer dizer?

CARLOS

Nada, estabeleço apenas uma hipótese.

AUGUSTO

Pois bem: lamentarei a minha desventura e continuarei a viver na minha humilde obscuridade, procurando fugir o mais possível de vê-la. Se a visse, não sei se teria forças para resistir... Deixarei mesmo o Rio de Janeiro e...

CARLOS

Farás isso?... Abandonarás o Rio de Janeiro, deixarás o teu emprego, a tua família, os teus amigos?...

AUGUSTO

Farei. Juro-o!

CARLOS

Basta. Dá-me a tua mão, Augusto. (*Aperta-a*) Se o meu consentimento bastasse, desde já chamava-te meu irmão.

AUGUSTO

O que dizes?

CARLOS

Mas eu não posso deliberar.

AUGUSTO

E teu pai?...

CARLOS

Meu pai?... saiu... (*À parte*) Como hei de dissuadi-lo?

AUGUSTO

Mas tu intercederás por mim, não é verdade?...

CARLOS

Farei o que estiver ao meu alcance para resolvê-lo...

AUGUSTO

Oh! obrigado, muito obrigado, Carlos! Adeus.

CARLOS

Já?

AUGUSTO

Já. Sou cativo dos meus deveres, e nada pode fazer-me faltar a eles.
Adeus. (*Sai*)

CENA VII

CARLOS

Pobre rapaz! Se soubesses como eras atraído, não virias fazer-me semelhante pedido... (*Senta-se*) E minha irmã!... Que papel representa ela em tudo isto?... Quem a julgaria capaz de tanta vilania?... Ainda com os lábios trêmulos dos juramentos de amor que fez a um, vai repetir esses mesmos juramentos a outro, sem pejo, sem a menor consideração por si mesma, sem ver que se aviltava e caía tanto!...

CENA VIII

Carlos e Barão.

BARÃO

É um miserável!

CARLOS

E então, meu pai?

BARÃO

Tinha saído. Foge de mim, talvez!

CARLOS

Vou procurá-lo, meu pai.

BARÃO

Sê prudente. Não desças a insultá-lo.

(Carlos vai sair)

CENA IX

Os mesmos e Doutor.

DOUTOR *(da porta)*

Onde vais?

CARLOS

Não sei, doutor. Deixe-me passar.

DOUTOR

Sei eu. Vais procurar o comendador Moreira.

CARLOS

Pois sabe?

DOUTOR

Para que tenho eu olhos e ouvidos, senão para ver e ouvir, Sr. Barão? Ontem vi e ouvi tudo quanto se passou nesta sala entre vossa excelência e o muito honrado comendador Antônio Moreira.

BARÃO *(severamente)*

E...

DOUTOR

Peço-lhe que se acalme. O comendador Moreira é um miserável. Conheço-o há muitos anos e tenho provas do seu péssimo procedimento. Esse homem é um sedutor de profissão...

CARLOS

Então, o que ele queria...

DOUTOR

Era seduzir tua irmã, era arrastá-la, como tem arrastado tantas outras, ao caminho da perdição. Desculpem, meus amigos, a minha linguagem áspera e rude; mas é a linguagem da verdade.

BARÃO

Fui procurá-lo há pouco. Negou-se a receber-me, ou saiu, para não encontrar-se comigo.

CARLOS

Mas não há de escapar-me. Até logo, meu pai. (*Vai sair*)

DOUTOR (*impedindo-o*)

Fica.

CARLOS

Como! Manda-me ficar, quando devia impelir-me a procurar esse homem, a esbofeteá-lo?

DOUTOR

De que serviria isso, se aquele rosto não coraria, se aquele coração continuaria a palpitar calmo e tranquilo?... Não são homens daquela estofa que repelem um insulto.

CARLOS

Que importa isso?... Mas eu desafrontarei a nossa dignidade. Deixe-me passar, doutor!

BARÃO

Ordeno-te que fiques.

CARLOS (*descendo*)

Meu pai...

DOUTOR

Criança! O sangue ferve-te ainda nas veias, e não te deixa refletir. Nós, os velhos, que não temos mais ardores nem mais ímpetos, encaramos diversamente as coisas. Nem sempre devemos repelir um insulto com outro insulto. Ocasões há em que vale mais o desprezo. O insulto, quer por meio da palavra, quer por meio do escrito, é a arma baixa e vilã da canalha. Despreza esse homem, Carlos.

BARÃO

Mas ele tentou ferir-nos no que temos de mais santo, de mais sagrado: a nossa honra!

DOUTOR

Mas, felizmente, não chegou a ferir. Se ele tivesse realizado os seus intentos, a minha linguagem seria outra. Não diria “insulte-o”, mas diria “mate-o”!

CARLOS

A intenção vale a ação, doutor. Esse homem tentou desonrar-nos, e...

CENA X

Os mesmos e Dolores.

DOLORES (*pálida e abatida*)

Meu pai...

CARLOS (*friamente*)

Nós não a chamamos.

DOLORES

Bem sei que não me chamaram; mas eu já estou cansada de ser vítima dos maus juízos, e preciso desabafar.

DOUTOR (*tomando-lhe as mãos, com carinho*)

Sente-se, minha senhora... As suas mãos estão quentes. Tem febre. Descanse um momento...

DOLORES

É a febre da indignação, doutor!

BARÃO

Da indignação!

DOLORES

Sim, meu pai. O senhor é injusto para comigo, e meu irmão é injusto também. Nem a tudo devemos dar crédito...

BARÃO

Mesmo quando vemos?

DOLORES

Mesmo quando vemos, meu pai...

CARLOS

Como?

DOLORES

As aparências iludem tantas vezes!... Ontem, meu pai, depois do que se deu, pedi-lhe cinco minutos de atenção. O senhor voltou-me as costas e retirou-se. Não quis ouvir-me, porque supôs, talvez, que eu ia inventar alguma história para salvar-me.

BARÃO

E o que poderia dizer que me convencesse?...

DOLORES

A verdade, meu pai.

BARÃO

A verdade! A verdade tive-a diante dos olhos.

DOLORES

Perdão... o que o senhor viu não foi a verdade; foi a traição, foi a infâmia.

BARÃO

E confessa ainda que foi uma infâmia!

DOLORES

Meu pai!

BARÃO

Quer justificar-se, não é assim?... Pois bem: faça-o, se pode.

DOLORES

Peço-lhe que me ouça. Ontem, momentos antes de dar-se o fato de que meu pai foi testemunha, o Sr. Comendador havia-me ofendido...

CARLOS

Ofendido? Como?...

DOLORES

Desprezando a ofensa, retirei-me para o salão. O Comendador foi procurar-me lá e, mostrando-se sinceramente arrependido do que havia feito, pediu-me um momento de atenção. A princípio neguei-me a satisfazer-lhe o desejo; mas instou tanto, tanto suplicou, que a cedi. Conduziu-me para esta sala, então deserta, e, em vez de pedir-me perdão, como cumpria a um cavalheiro, declarou que me amava e que estava louco de amor por mim.

DOUTOR (*à parte*)

Ah!

DOLORES

Tomou as minhas mãos entre as suas e apertou-as, apesar da minha resistência. No momento em que meu pai apareceu, acabava ele de enlaçar-me pela cintura. É esta a verdade, meu irmão. Pode acreditar ou não. A minha consciência está tranquila...

DOUTOR (*hesitando*)

E... a senhora ama-o?...

DOLORES

Amá-lo! Eu, doutor?

DOUTOR (*à parte*)

Felizmente, não o ama.

BARÃO

Mas há de amá-lo, porque assim é necessário.

DOLORES

Como, meu pai?

BARÃO

Porque depois do que houve, só há um passo a dar.

DOLORES

Um passo! Qual é?

BARÃO

Ser esposa desse homem.

DOLORES

Meu pai!

DOUTOR (*à parte*)

O que diz ele?... (*Alto*) Mas, Sr. Barão...

BARÃO

Perdão, doutor. Esta é a minha vontade única e irrevogável.

DOLORES

Mas eu não o amo, meu pai!... Não me sacrifique, peço-lhe... Esse homem é um miserável, e eu detesto-o.

BARÃO

É a minha última vontade. Com licença, doutor. (*Sai*)

CARLOS

Tenho pena, não por si, porque não merece a nossa compaixão; mas pelo outro, a quem a senhora iludiu. (*Sai*)

CENA XI

Doutor e Dolores.

DOLORES

Oh! meu amigo!...

DOUTOR (*tomando-lhe as mãos*)

Coragem! Eles não lhe deram crédito, minha filha, mas eu acredito.

DOLORES

Juro que disse a verdade, doutor. Eu sou uma vítima dos indignos manejos desse homem, e não...

DOUTOR

Sei, minha filha, sei.

DOLORES

Depois, como poderia eu amá-lo, se amo outro — um homem generoso, nobre, honrado, e que me ama com extremo?...

DOUTOR

Não te aflijas, criança. Conheço-te e sei quanto vales. Descansa, que não serás esposa do comendador Moreira, porque aqui estou eu para impedir que te sacrifiquem...

DOLORES

Mas como, se meu pai e meu irmão querem?

DOUTOR

Não é preciso que to diga. Quando eu apresentar a teu pai as armas que tenho contra o comendador Moreira, ele não poderá deixar de recuar. Descansa.

DOLORES

Oh! o senhor é o meu verdadeiro, o meu único amigo, doutor!

DOUTOR

Não. Teu pai e teu irmão amam-te muito também. O que os faz injustos para contigo é a desconfiança.

DOLORES

Tenho fé no senhor e deposito a minha felicidade nas suas mãos. Se a vontade de meu pai for inabalável, eu morrerei, mas não serei esposa do comendador Moreira.

DOUTOR

Não morrerás, não, porque eu te salvarei.

DOLORES

Doutor!

DOUTOR

Tu és um anjo, Dolores, e quero que devas a mim a tua felicidade futura. Até logo.

DOLORES

Já?

DOUTOR

Já, mas voltarei cedo. Adeus.

DOLORES

Adeus, doutor.

(O doutor sai. Dolores senta-se no sofá, descansando o rosto na mão. Pouco depois Miranda aparece à porta)

CENA XII

Dolores e Miranda.

MIRANDA *(da porta)*

Dá licença, Sr. Barão?

DOLORES *(levantando a cabeça e limpando os olhos)*

Quem é?

MIRANDA *(descendo)*

Ah! é a menina? Como passou vossa excelência? Eu vou indo regularmente. Não pergunto pelo papá nem pelo maninho, porque estive com eles hoje.

DOLORES

Sente-se, Sr. Miranda.

MIRANDA *(sentando)*

Muito obrigado.

DOLORES

Já esteve cá?

MIRANDA

Tive essa honra. Quando teremos outro baile como o de ontem?

DOLORES

Não sei.

MIRANDA

Que festa, menina! Que festa!... E o meu novo passo de valsa?... Tenho tido dois grandes “dias” na minha vida: a “noite de ontem” e o dia em que nasci. Duas datas célebres! Calcule: o dia em que um homem nasce e a noite em que esse homem põe em prática um invento que vai revolucionar os domínios de Terpsícore! A menina conhece mitologia?

DOLORES

Não, Sr. Miranda.

MIRANDA

É verdade; o doutor não está cá?

DOLORES

Já estive. Saiu poucos momentos antes do senhor entrar.

MIRANDA

Pois Terpsícore é a deusa da música e da dança... mas prefere a dança à música. É doidinha pela dança. Tenho-a visto coroada de grinaldas, com uma harpa na mão e... (*Reparando*) Mas agora reparo: a menina a chorar!

DOLORES

Eu... Por quê?...

MIRANDA

Por quê?... Mas, minha senhora, eu sou amigo do seu pai... e sei tudo...

DOLORES

Sabe tudo?... E o que sabe o senhor?

MIRANDA

Basta que lhe diga que sei tudo, porque o doutor tudo contou-me.

DOLORES

Ah!

MIRANDA

Mas descanse. Esse casamento não se realizará. Eu e o doutor impedi-lo-emos.

DOLORES

Com que direito, Sr. Miranda?

MIRANDA

Porque faremos ver a seu pai quem é o comendador Moreira. Quando o Sr. Barão conhecer o passado negro desse homem, não quererá decerto sacrificar o futuro de vossa excelência.

DOLORES

Mas meu pai não os atenderá, Sr. Miranda.

MIRANDA

Por quê?

DOLORES

Porque supõe o seu nome manchado, a sua honra noduada. Ontem arrastei-me a seus pés, chorei, supliquei, e ele, insensível, retirou-se, deixando-me banhada em lágrimas e com o coração despedaçado...

MIRANDA

Torno a repetir-lhe: descanse. Não se aflija e deixe o tempo correr. Vossa excelência conhece o doutor e conhece-me: entregue-se a nós, porque haveremos de salvá-la.

DOLORES

Obrigada, Sr. Miranda.

MIRANDA

Agora há de dar-me licença. Vou tratar dos meus negócios; mas dentro em uma hora estarei aqui... Sem mais incômodo, minha senhora, sem mais incômodo... (*Sai*)

CENA XIII

Dolores e Carlos.

DOLORES

Mas o que fiz eu, para ser tratada assim?... Que crime cometi, para merecer tamanha punição?...

CARLOS (*que tem ouvido as últimas palavras, descendo*)

Pergunte à sua consciência.

DOLORES

A minha consciência está tranquila e de nada me acusa, meu irmão. Sempre fui filha obediente e boa irmã, e procurei sempre fazer respeitar o nosso nome.

CARLOS

Nem sempre. Um dia esqueceu o respeito que devia a esse nome, à sociedade e a si própria, para dar um passo que a degradava e que nos cobria de vergonha.

DOLORES

Diga o que quiser. Já me defendi, já disse toda a verdade. Não me acreditaram: paciência. Fiquem, porém, certos de que não direi nem mais uma palavra para justificar-me.

CARLOS

E orgulhosa ainda! E orgulhosa sempre!... Por que não sustentou ontem essa altivez, quando, sem o menor sentimento de dignidade, atirou-se nos braços...

DOLORES

Mente!

CARLOS

Minto! E meu pai mente também?... Não viu ele o comendador abraçá-la?...

DOLORES

Viu, é verdade.

CARLOS

E então?

DOLORES

E então?... (*Pausa*) Já lhe disse uma vez que não me justificaria mais. Pode dizer o que entender, pode julgar o que quiser, porque eu não responderei.

CARLOS

Porque é impossível a justificação a quem não pode justificar-se. Felizmente, a falta há de ser reparada.

DOLORES

Está enganado. Quando não há falta, não pode haver reparação. Eu nunca serei esposa do comendador Moreira (*Sai*)

CENA XIV

CARLOS (*acompanhando Dolores com os olhos até ela desaparecer*)

Veremos! A esta hora todos sabem do fato escandaloso que deu-se ontem aqui, e esperam pelo resultado... A sociedade olha-nos, e nós temos obrigação de curvar a cabeça ante ela e dar-lhe uma satisfação...

CENA XV

Carlos e Augusto.

AUGUSTO

E então?

CARLOS (*apertando-lhe a mão e hesitando*)

O quê?

AUGUSTO
Falaste-lhe?

CARLOS
Ainda não.

AUGUSTO
Por quê?

CARLOS
Ouve-me, Augusto. Sabes que somos ricos?...

AUGUSTO
Sei.

CARLOS
Sabes que meu pai tem um título de nobreza?

AUGUSTO
Sei.

CARLOS
Sabes que ocupamos uma posição elevada na sociedade?

AUGUSTO
Sei. Mas a que ponto pretendes chegar?

CARLOS
Pretendo chegar a que o casamento de minha irmã contigo é... um casamento desigual...

AUGUSTO
Carlos!

CARLOS

A sociedade é severa e exigente. Se se realizassem os teus desejos, diriam que te vendeste por um punhado do nosso ouro, por um pouco da nossa opulência... Já refleti e sou absolutamente da tua opinião.

AUGUSTO

Mas...

CARLOS

Seria uma calúnia, bem sei, mas uma calúnia que não teria resposta, porque não poderias desfazê-la. Bem sabes se sou teu amigo e que desejaria ver-te no grêmio da minha família. Mas a minha consciência revolta-se ante o sacrifício que irias fazer do teu sossego e da tua dignidade.

AUGUSTO

Basta. Não é a tua amizade que fala: é o teu orgulho!

CARLOS

O meu orgulho!

AUGUSTO

O teu orgulho, sim. Eu fui um louco, um verdadeiro louco, em vir revelar-te o meu segredo. Devia ter refletido primeiro. Se o fizera, não passaria agora por esse vexame com que me acabrunhas... A tua amizade! Se fosses um inimigo, o que acabas de dizer-me seria uma vingança; mas como és um amigo, é uma prova de amizade! Obrigado! Sempre pensei que a amizade levantasse, que protegesse e que servisse de amparo, mas não que ferisse, que massacrasse, que insultasse assim!...

CARLOS

Augusto!

AUGUSTO

Conheces os *Íntimos* de Victorien Sardou, já viste representar essa obra-prima?... Pois bem: a tua amizade é igual à amizade de um

Marecat, de um Vigneux: amizade que fere, que calca, e que em vez de trazer nos lábios o sorriso franco da consciência pura, traz apertado na mão convulsa o estilete da morte!...

CARLOS

Augusto! (*À parte*) E não poder dizer-lhe tudo!...

AUGUSTO (*calmo, depois de uma pausa*)

Tens razão... A opulência e a grandeza de teu pai não podiam receber em seu seio o pobre empregado público desconhecido e sem nome...

CARLOS

Juro que não falo por orgulho, mas pela tua felicidade... Esquece minha irmã... esquece-a, porque não faltam mulheres virtuosas, sinceras e dignas de ti.

AUGUSTO

Esquecê-la! Oh! Tu nunca amaste, nunca o teu coração palpitou por mulher alguma, nunca sentiste a alma estremecer de amor... É por isso que me dizes com essa indiferença de gelo, com essa frieza de mármore: "Esquece!" Dize ao amor, que se revolve batido pelas raivas da tempestade: "Suspende!" Dize ao vento, que desencadeado e tremendo desola a natureza na sua passagem vertiginosa: "Basta!" Dize à nuvem que corre no espaço arrastada convulsamente nas asas do furacão: "Para!" E se o vento, a nuvem, o mar obedecerem à tua voz, eu obedecerei também; eu esquecerei! (*Subindo*) Adeus!

CARLOS

Onde vais?

AUGUSTO

Que te importa? Adeus!

CARLOS

Mais uma palavra.

AUGUSTO

O que mais tens a dizer-me?

CARLOS

Augusto, pela memória de minha santa mãe, juro que é a necessidade e não o orgulho que me obriga a falar-te assim.

AUGUSTO

Como?

CARLOS

Ah! meu amigo, os telhados cobrem tanta coisa que o mundo ignora!

AUGUSTO

Mas não te compreendo.

CARLOS

Não me perguntes coisa alguma, porque nada poderei responder-te. Há segredos que se não revelam. Talvez um dia, quando o fogo da tua paixão estiver extinto, eu te faça depositário do meu doloroso segredo...

AUGUSTO

Não. Guarda-o. A amizade vale tanto hoje como amanhã. Se hoje não mereço confiança, não merecerei depois.

CARLOS

Pois bem: vou contar-te tudo. Só assim ficarás convencido de que minha irmã não pode ser tua mulher.

AUGUSTO

Mas assustas-me...

CARLOS

E não me assustei eu, que sou seu irmão, eu, em cujas veias corre o mesmo sangue dela, eu, que tanto orgulho tinha da sua virtude?...

AUGUSTO

Então...

CARLOS

De nós dois, meu amigo, o mais infeliz sou eu. Tu não lhe és coisa alguma. Tens-lhe amor, um grande amor, estou certo; mas o tempo, que tudo consome, arrefece os amores mais ardentes, as paixões mais violentas. Ouve.

CENA XVI

Os mesmos e Dolores.

DOLORES (*à porta, à parte*)

Meu Deus!

AUGUSTO (*à parte*)

Ela!...

DOLORES (*descendo e cumprimentando*)

Senhor Augusto...

AUGUSTO

Minha senhora...

CARLOS (*à parte*)

Tenho pena deles!...

AUGUSTO (*baixo, a Carlos*)

Como está pálida!

CARLOS (*baixo*)

Chorou toda a noite.

DOLORES

Meu irmão, daquela porta ouvi que se propunha contar ao Sr. Augusto os motivos por que não posso ser sua esposa. Não se constranja. Pode dizer tudo. Se por acaso repugna-lhe recordar esse fato, que tanto abalo lhe tem causado, falarei eu...

AUGUSTO

Não, minha senhora. Para que sacrificá-la com uma narração que, pelo que vejo, lhe deve ser extremamente penosa?

DOLORES

Penosa, é verdade, mas necessária, porque eu não quero que o senhor faça pairar sobre mim a menor suspeita. Meu pai e meu irmão não me deram crédito; mas o senhor será mais justo. Juro que vou dizer a verdade.

AUGUSTO

Oh! não precisa jurar. Creio em tudo quanto vossa excelência disser.

CARLOS (*fitando Dolores, que não baixa os olhos*)

Anima-se?

AUGUSTO

Carlos!

DOLORES

Animo-me, sim. Eu estava no salão. A título de pedir-me perdão do que momentos antes me dissera e que o senhor testemunhou, o comendador Moreira...

AUGUSTO

O comendador Moreira!

DOLORES

Sim. O comendador Moreira conduziu-me para esta sala, e aqui, de surpresa, sem que eu pudesse defender-me, enlaçou-me nos braços...

AUGUSTO

Pois ele?... Miserável!

DOLORES

Era um escândalo que procurava para prender-me. Eu bem compreendi. Meu pai apareceu à porta naquele momento e tudo viu. Julgou-me uma mulher leviana e fraca, anteviu, talvez, a sua desonra, e, sem proferir uma palavra, conduziu-me para o meu quarto. Pedi-lhe cinco minutos de atenção para justificar-me. Olhou-me severamente e retirou-se. Hoje, nesta sala, contei tudo quanto se passou. Mas meu pai negou-se a dar-me crédito e declarou-me positivamente que eu seria esposa do comendador Moreira.

AUGUSTO

Sua esposa!

DOLORES

Agora despreza-me, odeia-me, não me julga mais digna do seu amor... não é assim?...

AUGUSTO

Oh! não! não! Amo-a mais ainda... muito mais!

DOLORES

Então acredita-me?...

AUGUSTO

Acredito, porque os anjos não mentem.

DOLORES

Senhor Augusto!

AUGUSTO

Carlos, aquele homem é um miserável. O seu único fim, vindo ontem a esta casa, era promover um escândalo, porque momentos antes de dar-se o fato que tua irmã acaba de relatar, já o

comendador Moreira nos tinha ferido, alegando que D. Dolores estava comprometida com ele para a quinta quadrilha, quando essa quadrilha já me havia sido generosamente concedida...

DOLORES

Crês agora, meu irmão?

AUGUSTO

Crê. Sob minha palavra de honra, garanto que ela disse a verdade.

CENA XVII

Os mesmos e Miranda.

MIRANDA

Ora viva a bela companhia!... Uf!... Estou suando como um bruto!... Andei correndo a “via-sacra”. Visitei todas as pessoas que estiveram ontem no baile e...

CARLOS

Para quê?

MIRANDA

Para saber o que pensam do meu novo passo de valsa. Todos são unânimes em achá-lo esplêndido. É um delírio por aí... não se fala em outra coisa. O Sr. Augusto não viu?

AUGUSTO

Não, Sr. Miranda.

MIRANDA (*admirado*)

Não viu?

AUGUSTO

Retirei-me antes de o senhor executá-lo...

MIRANDA

Pois olhe, sinto isso. Não sabe o que perdeu. Eu, como inventor, declaro-lhe que não cedo o meu invento nem por cinquenta contos... *(Tira o lenço e deixa cair uma bolsa. Limpando o suor)* Nem por cinquenta contos...

CARLOS *(apanhando a bolsa)*
E por quantos cederia o senhor isto?

MIRANDA *(tomando-lha)*
Onde foi o senhor buscar esta bolsa?

CARLOS
Aí no chão. O senhor deixou-a cair. *(Augusto vai para a janela, onde Dolores já se acha)*

MIRANDA
Esta bolsa vale milhões, Sr. Carlos...

CARLOS
Mesmo vazia como está?

MIRANDA
Sim, porque mesmo vazia, encerra a felicidade de uma mulher.

CARLOS
Como?

MIRANDA
Ah! é uma história comprida... muito mais comprida do que o meu novo passo de valsa... *(Indo a Dolores)* Minha senhora, peço-lhe que guarde esta bolsa para entregá-la no momento em que lhe for pedida. Assim como eu a deixei cair agora, posso perdê-la em outra ocasião, o que traria um grande prejuízo. Esse pedaço de veludo é uma prova esmagadora contra um homem.

CARLOS
Conte-nos essa história, Sr. Miranda.

MIRANDA

De boa vontade o satisfaria, se o segredo me pertencesse... É verdade: já concluiu o seu novo drama?

CARLOS

Ainda não. Faltam-me os últimos apontamentos, que o doutor ficou de dar-me.

MIRANDA

Pois então, vá preparando a pena, porque o doutor pretende dar-lhe hoje esses apontamentos.

CARLOS

Sim?

MIRANDA

É verdade. E antes que me esqueça: o Sr. Barão já tem conhecimento do resultado final da sua eleição?

CARLOS

Não sei.

MIRANDA

Um triunfo esplêndido, meu amigo! Esplêndido!... Oitocentos votos por duzentos e tantos!... Eu já esperava este resultado. E se o Sr. Barão se tivesse envolvido no pleito, estou convencido que o seu competidor não obteria nem os tantos votos que obteve sobre os duzentos. Seria uma derrota completa. Decididamente, temos outro baile!... O Sr. Barão não há de deixar passar despercebida uma vitória destas...

CARLOS

Creio que se engana.

MIRANDA

Como?

CARLOS

Meu pai não dará mais bailes.

MIRANDA

Por quê?

CARLOS

Não sei. O de ontem foi o último.

MIRANDA

O que me diz, homem? E eu que estava fazendo algumas alterações no meu novo passo de valsa, para tornar a exibi-lo na primeira ocasião?

CARLOS

Fará isso em outra parte, Sr. Miranda. O conselheiro Mascarenhas dá um baile quarta-feira. Por que não aproveita a ocasião?

MIRANDA

Hein? O conselheiro Mascarenhas? Vou já arranjar um convite.
(*Toma o chapéu*)

CARLOS

Seja feliz, Sr. Miranda.

MIRANDA

Obrigado. (*Sobe e encontra-se com o Barão*)

CENA XVIII

Os mesmos e o Barão.

BARÃO

Senhor Miranda...

MIRANDA

Parabéns, Sr. Barão, muitos parabéns, mil parabéns!

BARÃO

Por quê?

MIRANDA

Pelo seu esplêndido triunfo.

BARÃO

Não me dá isso o menor prazer.

MIRANDA

Como?

BARÃO

Porque não são os triunfos que dão vida; mas o sossego do espírito e a tranquilidade do coração. De que servem essas efêmeras grandezas, quando sentimos o coração ulcerado e cheio de lágrimas?... (*Outro tom*) Mas já se retirava? (*Dolores e Augusto descem*)

MIRANDA

Já. Vou arranjar um convite para o baile do conselheiro Mascarenhas. Preciso tornar conhecido o meu novo passo de valsa. Esperava que o Sr. Barão desse outro baile; mas, à vista do que me disse o Sr. Carlos... Com licença... (*Baixo a Dolores*) Conte comigo. (*Alto*) Minha senhora... Sr. Carlos... Sr. Augusto... Sr. Barão... sem...

CRIADO (*anunciando*)

O Sr. Comendador Moreira! (*Sai*)

MIRANDA

Ele! Não saio mais! (*Vai para a janela*)

BARÃO (*à parte*)

Finalmente!

DOLORES (*à parte*)

Como eu sou desgraçada.

CENA XIX

Os mesmos e Moreira.

MOREIRA (*introduzido pelo criado, que sai logo*)

Peço perdão por vir incomodá-lo, Sr. Barão; mas como vossa excelência faltou, talvez por ponderosos motivos, à entrevista que me havia marcado, considereei do meu dever vir procurá-lo.

BARÃO

Não fui eu que faltei, Sr. Comendador; foi vossa senhoria que se esquivou à minha presença.

MOREIRA (*a Augusto e Carlos*)

Meus senhores... (*A Dolores*) Minha senhora... Como passou vossa excelência de ontem para cá? Acho-a um pouco pálida... Oh! os bailes são sempre prejudiciais...

DOLORES

Quando para eles são convidados homens honrados e generosos como vossa senhoria.

MOREIRA

Ou como o Sr. Augusto de Azevedo...

AUGUSTO

Senhor Comendador...

BARÃO

Senhor Augusto, tendo de tratar de um negócio inteiramente familiar com o Sr. comendador Moreira, peço-lhe o obséquio de passar à outra sala.

AUGUSTO

Eu me retiro, Sr. Barão.

CARLOS

Eu te acompanho. Vamos, Dolores.

(Dolores segue-os)

MIRANDA

Eu também vou. *(À parte, olhando para Moreira)* Ah! patife!...

(Saem)

CENA XX

Barão e Moreira.

MOREIRA

Achava desnecessário saírem. Era melhor saberem já o que têm de saber depois.

(O Barão convida-o a sentar-se e sentam-se)

BARÃO

Quero saber, Sr. Comendador, o que pretende vossa senhoria fazer, em vista do fato que ontem se deu.

MOREIRA

Creio que já tive a honra de dizê-lo a vossa excelência. Se cometi uma falta, estou pronto a repará-la.

BARÃO

Se cometeu uma falta! Pois o que fez o senhor?... Cometeu mais do que uma falta, Sr. Comendador, cometeu um crime, porque não só abusou da minha boa fé, como aproveitou-se da inexperiência de minha filha...

MOREIRA

A inexperiência de sua filha, Sr. Barão!... Vossa excelência escolheu mal a ocasião para fazer espírito.

BARÃO
Como?

MOREIRA

A mulher é inexperiente enquanto desconhece o amor, enquanto não sente o coração palpitar-lhe com mais força à vista de um homem, enquanto esse homem não a faz corar e baixar os olhos, segredando-lhe, com voz trêmula e comovida, palavras de amor, e...

BARÃO
O que quer dizer, Sr. Comendador?

MOREIRA

Nada. Somente que sua filha não está nesse caso. Sua filha conhece de há muito os perigos do amor, sem que eu lhos mostrasse...

BARÃO
Senhor Comendador, exijo uma explicação.

MOREIRA

Não tenho que dar explicações, Sr. Barão. Pode anunciar o meu casamento com sua filha, porque eu não sou desses homens que levam o escrúpulo até a estupidez de sindicarem do passado de uma mulher, para julgarem das felicidades que lhes possa ela dar no futuro... *(Indo ao fundo)* Entrem, meus senhores. Os negócios de família do Sr. Barão estão concluídos. *(Descendo)* Peço permissão para ser eu o primeiro a anunciar o meu futuro paraíso de venturas.

CENA XXI

Os mesmos, Carlos, Dolores, Augusto, Miranda e Doutor.

MOREIRA

Meus senhores, tenho o grato prazer de anunciar-lhes que o Sr. Barão das Laranjeiras acaba de conceder-me gentilmente a mão de sua filha.

DOLORES (*à parte, deixando-se cair no sofá*)
Ah!

AUGUSTO (*à parte*)
Meu Deus!

MIRANDA (*à parte, rindo e esfregando as mãos*)
Havemos de ver... havemos de ver...

DOUTOR (*baixo, a Dolores*)
Coragem! Eu aqui estou.

MOREIRA
O Sr. Barão quer... (*Fitando o doutor*) Eu quero...

DOUTOR
Mas eu não quero!

BARÃO
Como!

MIRANDA (*como acima, à parte*)
Havemos de ver... A bomba está quase rebentando!

MOREIRA
O senhor não quer?

DOUTOR
Não, porque só falta este casamento para coroar a sua vida de infâmias, Sr. Comendador.

MOREIRA
Senhor!

CARLOS

Doutor...

DOUTOR

Aceitou a luta que ontem lhe propus, senhor, e declarou-me que não haveria obstáculos, considerações, honra nem dignidade que o fizesse recuar. Pois bem: a luta está travada: esmague-me, se não quer ser esmagado.

BARÃO

Doutor, que direitos tem para vir impor a sua vontade em minha casa?

MOREIRA

Ou o senhor explica-se de modo que eu o compreenda, ou considero-o um miserável!

DOUTOR

Não me atinge o insulto. Os abissínios apedrejam o sol; mas o sol aquece-os generosamente com a sua luz. Eu quero ser generoso também: quero levar-lhe — no meio das trevas em que a sua consciência se estorce — um raio de luz, um sorriso de aurora...

MOREIRA

Senhor...

DOUTOR

Olhe para aquela mulher, senhor caia de joelhos a seus pés, e, de rastos, com a fronte cosida à terra, peça-lhe perdão do que a tem feito sofrer... Vamos, senhor! De joelhos!...

BARÃO

Doutor!...

DOUTOR (*a Moreira*)

Aquela mulher é... sua filha!

TODOS

Oh!

MOREIRA

Minha filha!... Ah! ah! ah! Isso é simplesmente absurdo!... As provas, onde estão as provas?...

DOUTOR (*tomando a bolsa da mão de Dolores*)

Conhece esta bolsa, senhor?...

MOREIRA

Essa bolsa...

MIRANDA (*à parte, esfregando as mãos*)

Anda, meu patife!... Defende-te agora...

DOUTOR

O senhor perdeu-a, há vinte anos, saltando a janela de uma casa, depois de cometer o mais infame, o mais miserável de todos os crimes... Foi na noite de trinta de dezembro de mil oitocentos e sessenta e três...

MIRANDA

Na Bahia... na Bahia...

MOREIRA (*como que se recordando*)

Trinta de dezembro... na Bahia...

MIRANDA

Lembre-se, lembre-se... A mulher do alfaiate...

MOREIRA

A mulher do alfaiate... Oh! Basta! Basta!... Isto enlouquece!...

DOUTOR

Fui eu que enjeitei esta criança à porta de sua casa, Sr. Barão, e há dezenove anos que não a perco de vista um só momento. Procurei a sua amizade, para mais de perto velar por ela...

BARÃO

Doutor, para que revelou esse segredo, que eu guardo há dezenove anos, e que julgava só de mim conhecido, por isso que nem a meu próprio filho o confiei?...

DOUTOR

Bem vê que era necessário, Sr. Barão.

BARÃO

Dolores, há dezenove anos que te adotei, há dezenove anos que te considero minha filha, há dezenove anos que minha pobre mulher, depondo na tua frente de criança o ósculo maternal, disse-me “É nossa filha; amemo-la como tal; e que entre ela e Carlos os direitos sejam iguais”. (*Abraçando-a*) Tu és minha filha, Dolores!...

CARLOS

Eu não sabia, Dolores... mas serei sempre teu irmão!

DOLORES

Obrigada! Oh! Obrigada!... (*A Moreira*) Meu pai...

MOREIRA (*tomando-lhe as mãos*)

Como és formosa!... E eu queria perder-te... Oh! eu não sou teu pai!... Teu pai é aquele que te criou, que te educou e que te amou sempre... Eu sou um miserável!... (*Ao Barão*) Sr. Barão, hoje é o último dia que nos vemos. Tenho um favor a pedir-lhe...

BARÃO

Fale, senhor. Estou pronto a satisfazê-lo.

MOREIRA

Peço a mão de minha... de sua filha para o Sr. Augusto de Azevedo. Eles amam-se: faça-os felizes.

AUGUSTO

Senhor comendador...

MOREIRA (*a Dolores*)

Agora, dá-me um beijo... Será o primeiro e último que receberás de teu pai... (*Beijando-a na frente*) Perdoa-me... e adeus!... (*Sai*)

CENA XXII

Os mesmos, menos Moreira.

DOLORES (*hesitando um momento e subindo depois*)

Meu pai! Meu pai!

BARÃO (*recebendo-a nos braços*)

Chora-o, filha. O pai, por muito criminoso, por muito miserável que seja, é sempre pai!

DOLORES

Doutor, como poderei pagar-lhe?

DOUTOR

Sendo feliz, minha filha.

DOLORES (*a Augusto*)

E agora, depois de saber quem é meu pai, ama-me da mesma forma?

AUGUSTO (*beijando-lhe a mão*)

Sempre!

DOLORES (*aproximando-se de Carlos*)

Meu irmão!...

CARLOS (*abraçando-a*)

Sê feliz, minha irmã!

MIRANDA (*esfregando as mãos*)

Ora, pois! Agora temos decididamente outro baile, e o meu novo passo de valsa vai ficar numa ponta enorme!... (*Faz o gesto de quem vai dançar. — Cai o pano*)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com